

# AULA DE GEOGRAFIA SOBRE A GEOPOLÍTICA DO AFGANISTÃO PARA ALÉM DAS REPRESENTAÇÕES E SIMPLIFICAÇÕES MIDIÁTICAS

Francisco Fernandes Ladeira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho relata uma aula de Geografia que abordou a geopolítica do Afeganistão, enfatizando a volta ao poder do grupo Talibã naquele país da Ásia Central, vinte anos após a invasão estadunidense. A prática pedagógica em questão foi realizada em uma turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola particular, localizada no município de Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais. Para melhor organizar sua dinâmica, o professor dividiu a aula em três momentos: 1) Geografia do Afeganistão; 2) Breve histórico do Afeganistão contemporâneo; e 3) Afeganistão na mídia. Por se tratar de uma temática atual e bastante em voga nas redes sociais, foi possível constatar um grande interesse por parte dos alunos, o que demonstra a importância de a sala de aula dialogar com questões presentes nas discussões cotidianas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afeganistão; Talibã; Geopolítica; Geografia; Sala de aula.

## GEOGRAPHY CLASS ABOUT GEOPOLITICS OF AFGHANISTAN TO BEYOND MEDIA'S REPRESENTATIONS AND SIMPLIFICATIONS

**ABSTRACT:** This paper reports a Geography class that addressed the geopolitics of Afghanistan, emphasizing the return to power of the Taliban group in that Central Asian country, twenty years after the USA invasion. The pedagogical practice in question was carried out in a 9th grade class of elementary school at a private school, located in the municipality of Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais. To better organize its dynamics, the teacher divided the class into three moments: 1) Geography of Afghanistan; 2) Brief history of contemporary Afghanistan; and 3) Afghanistan in the media. As it is a current theme and quite in vogue on social networks, it was possible to observe a great interest on the part of students, which demonstrates the importance of a dialogic classroom with issues present in everyday life.

**KEYWORDS:** Afghanistan; Taliban; Geopolitics; Geography; Classroom.

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ. Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. ffernandesladeira@yahoo.com.br

## CLASE DE GEOGRAFÍA SOBRE LA GEOPOLÍTICA DE AFGANISTÁN MÁS ALLÁ DE LAS REPRESENTACIONES Y SIMPLIFICACIONES DE LOS MEDIOS

**RESUMEN:** El presente trabajo relata una clase de Geografía que abordó la geopolítica de Afganistán, haciendo énfasis en el retorno al poder del grupo talibán en ese país centroasiático, veinte años después de la invasión estadounidense. La práctica pedagógica en cuestión fue realizada en una clase de 9º grado de la enseñanza fundamental de una escuela privada, ubicada en el municipio de Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais. Para organizar mejor su dinámica, el docente dividió la clase en tres momentos: 1) Geografía de Afganistán; 2) Breve historia del Afganistán contemporáneo; y 3) Afganistán en los medios. Por tratarse de un tema actual y bastante en boga en las redes sociales, se pudo constatar un gran interés por parte de los estudiantes, lo que demuestra la importancia del aula para dialogar con temas presentes en las discusiones cotidianas.

**PALABRAS CLAVE:** Afganistán; talibanes; Geopolítica; Geografía; Salón de clases.

### INTRODUÇÃO

Em agosto de 2021, o grupo Talibã retornou ao poder no Afeganistão, vinte anos após a invasão estadunidense; que foi iniciada em outubro de 2001, como retaliação ao fato de, à época, o governo afegão (sob o domínio do Talibã) abrigar a organização Al Qaeda, liderada por Osama Bin Laden, responsável por realizar o maior ataque terrorista contra o território dos Estados Unidos, conhecido como “atentado de 11 de setembro”. Na ocasião, membros da Al Qaeda sequestraram dois aviões e posteriormente lançaram as aeronaves contra as Torres Gêmeas do Complexo Empresarial do World Trade Center, localizado em Nova York, levando a óbito quase três mil pessoas.

A retomada do poder pelo Talibã teve grande repercussão nos meios de comunicação de massa, sendo o principal destaque dos noticiários internacionais entre os meses de agosto e setembro de 2021. O assunto também foi um dos mais comentados nas redes sociais, estando no centro de acirrados debates e alvo de notícias falsas (conhecidas como “fake news”). No *Google Trends*, foi registrado um

“aumento repentino” de pesquisas pelo termo “Talibã”, o que demonstrou um interesse dos internautas brasileiros em obter mais informações sobre o grupo extremista afegão (GOOGLE TRENDS, 2021).<sup>2</sup>

Diante da incomum presença de uma temática geopolítica no debate público nacional, e a despeito da facilidade com que atualmente se tem acesso a informações, muitos alunos ainda reconheciam seus professores de Geografia como fontes confiáveis para melhor compreender os fatos que ocorriam no Afeganistão.

Sendo assim, o presente trabalho relata uma aula de Geografia que abordou a geopolítica do Afeganistão, enfatizando a volta ao poder do grupo Talibã naquele país da Ásia Central, vinte anos após a invasão estadunidense. A prática pedagógica em questão foi realizada em uma turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede particular, composta por 35 alunos, localizada no município de Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais.

Para melhor organizar sua dinâmica, o professor dividiu a aula (de caráter expositivo) em três momentos: 1) Geografia do Afeganistão; 2) Breve histórico do Afeganistão contemporâneo; e 3) Afeganistão na mídia. Foram utilizadas duas aulas (com 50 minutos de duração cada )<sup>3</sup>.

Em relação a aspectos metodológicos, este trabalho pode ser caracterizado como “estudo de caso”, a partir da observação direta da aula de Geografia ministrada, via *Google Classroom*. Segundo Yin (2001), o estudo de caso é definido como um estudo detalhado e exaustivo de poucos, ou mesmo de um único objeto, fornecendo conhecimentos profundos sobre uma dada realidade. Para Ventura (2007), o estudo de caso, como instrumento de investigação, consiste em modalidade de pesquisa

---

<sup>2</sup> Google Trends é uma ferramenta gratuita, disponibilizada pelo Google, que permite acompanhar a evolução do número de buscas por uma determinada palavra-chave ou tópico desde janeiro de 2004.

<sup>3</sup> Na preparação do material para a aula em questão, conforme o docente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica na internet sobre a temática trabalhada.

que pode ser aplicada em diversas áreas do conhecimento. No tocante às pesquisas em educação, o estudo de caso proporciona maior conhecimento para o pesquisador sobre um determinado assunto, permitindo a compreensão do cotidiano escolar como possibilidade de vivências únicas e impregnadas de sentido (GIL, 1988; GODOY, 1995).

Visando preservar as identidades de alunos, alunas e professor de Geografia, optamos por não mencionar o nome da instituição escolar da aula observada. Todavia, docente e discentes tinham pleno conhecimento de que a prática pedagógica por eles protagonizada seria relatada neste artigo (preservando devidamente o anonimato de todos os envolvidos/envolvidas).

#### INICIANDO A AULA...

Ao iniciar a aula, o professor de Geografia explicou aos alunos que, naquele horário, abordaria uma questão não prevista no programa de ensino, porém bastante presente na imprensa, nas redes sociais e nas conversações cotidianas nos últimos dias (durante os meses de agosto e setembro de 2021). Tratava-se da situação política do Afeganistão, país localizado na Ásia Central, que, à época, foi destacado nos noticiários devido à volta do grupo Talibã ao poder, vinte anos após a invasão do exército dos Estados Unidos (realizada como retaliação ao atentado de 11 de setembro de 2001).

De acordo com o docente, as aulas sobre determinadas temáticas geopolíticas geralmente se limitam às características geográficas e históricas de um país, região ou dos continentes. Indubitavelmente, tais fatores são essenciais para se compreender e analisar de modo satisfatório as relações internacionais. No entanto, ao trabalhar conteúdos geopolíticos em sala de aula, um percentual considerável dos professores de Geografia negligencia um elemento fundamental para as percepções

das pessoas sobre acontecimentos em outros países, regiões e continentes do planeta: a mídia. Como geralmente não temos contato direto com fatos ocorridos alhures, os noticiários internacionais da chamada “grande imprensa” (oligopólio que controla a difusão de informações no Brasil) se constituem em intermediários entre “nós” e o que acontece no mundo. Nesse sentido, Thompson (1998) aponta que as imagens e textos midiáticos produzem uma “mundialidade mediada”, responsável por alterar nossa compreensão de mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal. Conseqüentemente, os horizontes espaciais de nossa compreensão se dilatam vertiginosamente, uma vez que eles não precisam mais estar presentes fisicamente nos lugares onde os fenômenos observados acontecem.

Driver (2005), por sua vez, recorre à expressão “geografias imaginativas” para caracterizar as “representações dos lugares, espaços e paisagens que estruturam o entendimento de mundo das pessoas e, conseqüentemente, ajudam a moldar suas ações” (DRIVER, 2005, p. 144).

Diante dessa realidade, Ladeira e Leão (2018) sublinham que, embora não haja um determinismo manipulador das massas por meio da mídia, no tocante às questões internacionais, os grandes veículos de comunicação podem exercer uma considerável influência sobre o público, pois estabelecem as condições de nossa experiência do mundo além das esferas de interação nas quais vivemos.

Nessa lógica, “quanto menor for a experiência direta ou a familiaridade de um indivíduo com uma determinada área temática, mais ele dependerá da mídia para obter as informações e os quadros representativos relativos àquela área” (LADEIRA; LEÃO, 2018, p. 47).

No caso do mundo muçulmano – a qual o Afeganistão faz parte – diferentes estudos (PINTO, 2010; GOMES, 2012; QUERIDO, 2016) concluíram que a mídia ocidental tem contribuído significativamente para sedimentar no imaginário social

uma imagem negativa sobre o islã, associando esta religião ao fundamentalismo, à opressão das mulheres, à guerra e à barbárie.

Portanto, é plausível considerar que, no atual cenário das relações internacionais, a mídia é um importante ator e instrumento geopolítico, sobretudo para as grandes potências imperialistas, que constantemente recorrem aos principais veículos de comunicação para divulgarem em larga escala suas agendas externas.

É consenso entre analistas de que a hegemonia no âmbito das atuais relações internacionais depende cada vez mais do desenvolvimento tecnológico na área informacional. Em outros termos, o processo de dominação de uma nação sobre outras não se restringe apenas ao espectro militar; também está relacionado ao campo discursivo. Além de um poderoso exército, uma grande potência contemporânea também deve utilizar um eficiente aparato midiático, capaz de difundir determinadas ideias em escala planetária (LADEIRA; LEÃO, 2018, p. 46).

Sendo assim, levando em consideração as observações tecidas nos parágrafos antecedentes, o professor de Geografia planejou sua aula sobre a situação política do Afeganistão a partir da interseção de fatores geográficos, históricos e midiáticos.

178

Isso significa conceber o país centro-asiático de forma holística, em seus aspectos físicos (presença de cadeias montanhosas em 75% do território), humanos (população formada por várias etnias), locais (fronteiras com importantes potências regionais), históricos (conflitos ocorridos nas últimas décadas) e discursivos (análise de como o país é apresentado nos noticiários).

Visando uma melhor organização da temática apresentada, a aula em questão foi dividida em três partes: 1) Geografia do Afeganistão; 2) Breve histórico do Afeganistão contemporâneo e 3) Afeganistão na mídia.

Desse modo, nos tópicos a seguir, descreveremos o andamento da aula de Geografia e nossas principais observações sobre os três momentos planejados pelo professor, destacando as interações docente/discentes.

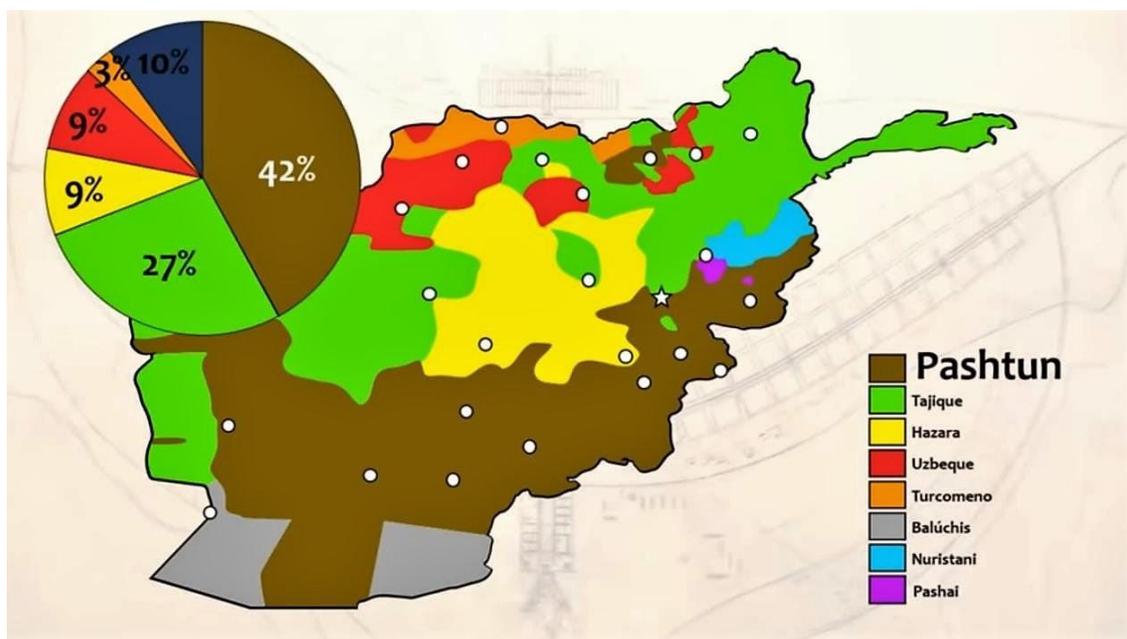
## GEOGRAFIA DO AFGANISTÃO

Em relação a aspectos demográficos, o Afeganistão é formado por oito etnias, que têm uma tradição de rivalidade entre si. Os principais grupos étnicos do país são: pushtuns (42% da população), tajiques (30%), hazaras, (10%) – uzbeques (8%), turcomenos (3%) e beluchis (2%). As outras etnias, incluindo nuristaneses, o povo pashai e quirguizes, representam 5% da população.

Tal fato explica, em parte, a dificuldade histórica de se formar um governo centralizado estável no país. Por outro lado, diante de invasores externos, estes grupos étnicos tendem a se unir para combater o inimigo em comum.

**Figura 1** – Mapa sobre a divisão étnica do Afeganistão, apresentado durante a aula de Geografia

179



**Fonte:** Canal Plano Piloto (2021).

Já no tocante às características físicas do Afeganistão, o professor chamou a atenção para dois pontos que, segundo ele, são cruciais para nos auxiliar a entender o porquê, ao longo da história, o território afegão foi alvo da cobiça de potências estrangeiras e como é difícil para tais invasores atingir seus objetivos expansionistas, a despeito da superioridade bélica. São eles: a localização geográfica estratégica e o relevo montanhoso.

Isso não significa, ressaltou o docente, corroborar com ideias relacionadas ao determinismo geográfico – que tem como premissa fundamental a concepção de que o meio ambiente atua fortemente na fisiologia e na psicologia humana de tal modo que seria possível explicar a história dos povos em função das relações de causa e efeito que se estabeleceriam na relação natureza/homem.

No entanto, remetendo a um clássico livro de Lacoste (1988), conhecer as características naturais do território afegão nos faz entender como a Geografia, como conhecimento estratégico, também “serve para fazer a guerra”.

O professor mostrou aos alunos um mapa com a localização estratégica do território afegão, na porção central da Ásia, próximo a potências regionais (como Paquistão e Irã) e a China – nação que, no atual contexto, já chega a ameaçar a hegemonia global estadunidense (pelo menos no âmbito econômico).

O Afeganistão está associado a rotas comerciais, é atravessado por gasodutos e possui recursos minerais (cuja exploração interessa ao governo chinês). Atualmente, é o maior produtor mundial de ópio (substância extraída da papoula, muito utilizada na indústria farmacêutica e que também dá origem a drogas ilícitas, como a heroína).

**Figura 2 – Mapa apresentado pelo professor de Geografia sobre a localização do Afeganistão**



**Fonte:** Cherem (2019).

Segundo o professor de Geografia, desde a Antiguidade, a região onde hoje é o Afeganistão, por sua localização estratégica, ligando o subcontinente indiano ao Oriente Médio, é alvo de tentativas de invasões e conquistas, por diferentes impérios, potências e povos (como os macedônios, mongóis, russos, britânicos, soviéticos e, recentemente, estadunidenses).

Contudo, o docente ressaltou que geralmente estas investidas estrangeiras não foram bem-sucedidas:

O Afeganistão recebeu um curioso e inusitado “apelido”: “cemitério de grandes impérios”. Ao longo dos séculos, seu território se constituiu em grande encruzilhada de regiões, com fluxos contínuos de pessoas, conquistadores e mercadorias. Daí sua importância estratégica. Mas há um pequeno (ou melhor, um grande) detalhe. O Afeganistão tem um relevo montanhoso, de difícil acesso. Para quem é de lá, é positivo em uma batalha, uma defesa natural. Para quem é de fora, um obstáculo para dominação (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

Remetendo a curiosidades históricas, o professor mencionou que Alexandre, “o Grande”, não por acaso, teria dito sobre a região onde atualmente está situado o Afeganistão: “lá é fácil de entrar, difícil é conseguir sair”. Posteriormente, Tamerlão, líder militar do Império Mongol, fez uma declaração semelhante: “Entrar e conquistar o Afeganistão pode não ser difícil, mas manter o seu controle pode ser fatal; já que as montanhas e a resistência local complicam uma ocupação duradoura”.

A expressão “cemitério de grandes impérios” remete à obra de Holt (2005). Sobre esta questão, Belfort (2021, s/p) afirma:

Sempre vai haver resistência afegã a um povo invasor. O território é hostil geograficamente, mas também hostil pela população, que se apresenta hostil aos invasores. Historicamente, assim foi construída essa cultura “anti-imperialista” do Afeganistão. É muito antiga, tem raízes milenares. Já faz parte culturalmente dos processos mentais, inclusive de formação do próprio povo afegão.

Para Traumann e Kaminski (2016), a grande divisão étnica e tribal existente no Afeganistão impediu a construção de uma identidade nacional sólida e a formação de um governo central forte e eficaz, devido aos múltiplos antagonismos tribais. No entanto, tal diversidade étnica também tem sido o fator que impediu que os invasores dominassem o país por completo:

Os líderes tribais não se submetem a qualquer autoridade, principalmente se ela for estrangeira, mas quando há o elemento do inimigo em comum entre eles, tem-se uma extraordinária força que impede que o país seja dominado, uma vez que não há um poder tribal central para ser derrubado. Se existe qualquer fio condutor nacionalista no Afeganistão ele é o Islã e o inimigo em comum entre as tribos. Na ausência desses elementos, os afegãos lutam entre si (TRAUMANN; KAMINSKI, 2016, p. 4).

Este sentimento “anti-imperialista”, representado na ideia de um “inimigo em comum”, presente na cultura do povo afegão como fator de (efêmera) união nacional na defesa dos assédios históricos de invasores estrangeiros, foi citado pelo professor de Geografia para enfatizar que “o relevo é um dos ‘condicionantes’, não é ‘fator determinante’ de um conflito, o que envolve inúmeros fatores” (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

Em sequência, o docente acrescentou:

Montanhas até facilitam a defesa de um local, a partir de táticas de guerrilhas [tipo de guerra não convencional, geralmente rural, em que a principal estratégia é a ocultação e mobilidade dos combatentes]. Mas, como vamos ver daqui a pouco, quando grupos afegãos conseguiram “vencer” os invasores soviéticos, na década de 80, além do relevo, foi fundamental o recebimento de armas vindas dos Estados Unidos. Dessa forma, foi possível derrubar aeronaves da União Soviética, acelerando a retirada das tropas de Moscou do Afeganistão (*idem*).

O professor de Geografia frisou que os conhecimentos de sua disciplina são importantes para entender a geopolítica do Afeganistão. Porém, não são suficientes. Para tanto, é preciso conhecer a história recente do país centro-asiático, bem como compreender a forma como a grande imprensa nacional representa as relações internacionais.

183

Representações que vão ter consideráveis impactos na maneira como percebemos a geopolítica, pois vão influenciar nossos posicionamentos sobre o que acontece em outros países, povos e civilizações (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

## BREVE HISTÓRICO DO AFGANISTÃO CONTEMPORÂNEO

O território onde hoje se localiza o Afeganistão foi uma das primeiras regiões do planeta com a presença de civilizações humanas sedentárias agrícolas, há cerca

de sete milênios. Já os vestígios das primeiras cidades na região remetem há cinco mil anos (TANNER, 2009).

A aula relatada não tinha por objetivo realizar uma exposição sistemática sobre a história afegã. Desse modo, o professor iniciou sua explanação sobre os fatos históricos do país centro-asiático a partir de 1979, “ano-chave para compreender a situação atual do Afeganistão, quando houve a invasão da União Soviética no país” (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

Na ocasião, o planeta atravessa a ordem geopolítica conhecida como Guerra Fria (1947-1991), conflito não declarado entre duas superpotências pela hegemonia global: Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Nesse contexto, ambos os países buscavam aumentar suas áreas de influência política, econômica e ideológica, difundindo em todo o globo seus modelos de organização social (capitalista, no caso estadunidense; e socialista, no caso soviético). Para tanto, Estados Unidos e União Soviética apoiavam determinados grupos ou governos em conflitos na África, Ásia e América Latina. Entre estas áreas em disputa estava o Afeganistão (então vizinho meridional da União Soviética).

184

Após a Revolução de Saur, ocorrida em abril de 1978, o Afeganistão passou a ser governado por um partido ideologicamente alinhado ao socialismo soviético. Entre outras medidas, este governo promoveu a equiparação de gêneros, legalizou os sindicatos, proibiu práticas relacionadas à usura, buscou promover uma reforma agrária no país e instituiu um Estado ateu (o que conseqüentemente levou a um sistema educacional laico).

Apesar da boa recepção nos centros urbanos (onde a população, de maneira geral, era mais aberta a mudanças), a natureza secular do governo socialista demonstrou-se impopular entre os afegãos mais religiosos e conservadores (moradores das aldeias e do campo).

A situação política do país se agravou em dezembro de 1979, quando a União Soviética, após solicitação do governo de Cabul, invadiu o Afeganistão, sob pretexto de “combater os movimentos armados opositoristas”, liderados pelo grupo conhecido como “*mujahid*” (que recebeu apoio militar e logísticos dos Estados Unidos, interessados em enfraquecer os soviéticos, principais rivais geopolíticos à época).

Além do fator nacionalista, a luta dos *mujahidin*<sup>4</sup> contra os invasores soviéticos (associados ao ateísmo) também assumiu conotações de uma “guerra santa”, fator que atraiu muçulmanos de outras nações para combaterem no Afeganistão.

Os grupos apoiados pelos estadunidenses, que lutaram contra os soviéticos, eram chamados “*mujahid*” – que pode ser traduzido como “combatentes” ou “guerreiros”. Na época, para os Estados Unidos, o “fanatismo religioso” era preferível ao “perigo comunista”. Anos depois, já na década de 90, uma ramificação desses *mujahidin* se tornou o Talibã, grupo radical que prega uma interpretação extrema dos preceitos do islamismo. O Talibã governou o Afeganistão entre 1996 e 2011. Por uma dessas ironias da geopolítica global, o Talibã abrigou a Al- Qaeda, responsável pelo atentado de 11 de setembro, contra o próprio Estados Unidos, que logo depois invadiu o Afeganistão para capturar Bin Laden (o líder da Al- Qaeda). Aliás, Bin Laden foi um dos muçulmanos que foram para o Afeganistão, nos anos 80, para combater os soviéticos. Ele foi “treinado” pelos Estados Unidos. Chocaram o ovo da serpente. Muitas vezes, nas relações internacionais, o “amigo” de hoje é o “inimigo” de amanhã. E vice-versa. As alianças, são pela conveniência do momento (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

185

Retomando a questão abordada no primeiro momento da aula, o professor enfatizou a importância dos conhecimentos geográficos na tática de guerrilha utilizada pelos rebeldes afegãos para combater as tropas soviéticas:

Os *mujahidin* tinham amplo conhecimento prático da geografia do país. Levaram a guerra para a região das montanhas. No Afeganistão,

---

<sup>4</sup> Plural de mujahid.

poucas estradas eram pavimentadas. Isso fazia com que os comboios soviéticos ficassem mais lentos, tornando-os alvos fáceis para emboscadas. Os soldados soviéticos não estavam preparados para este tipo de terreno. Conforme passou o tempo, crescia a resistência *mujahid (idem)*.

Sem derrotar os rebeldes, os soviéticos retiraram totalmente suas tropas do Afeganistão em 1989 (dois anos depois, a própria União Soviética deixaria de existir). No entanto, a guerra civil afegã se estendeu até 1992, com a deposição do governo socialista. Os grupos que expulsaram o invasor soviético e contribuíram para a queda do governo socialista iniciaram um conflito entre si, que culminou com a ascensão do Talibã ao poder, estabelecendo um Estado teocrático (baseado em uma interpretação fundamentalista da Sharia, a Lei Islâmica).

Durante o governo do Talibã, foram comuns os registros de amputações e castigos físicos para quem não cumprisse as regras estabelecidas, execuções de adversários políticos, quaisquer manifestações artísticas ligadas ao Ocidente foram proibidas, homens foram obrigados a deixar a barba crescer e as mulheres tiveram praticamente todos os seus direitos civis eliminados. A elas, não era permitido: trabalhar fora do lar, sair de casa sem o uso de burca e sem a companhia de algum homem da família e frequentar escolas após os 10 anos de idade. Assim, no início do século XXI, os índices de analfabetismo feminino no país chegaram a 80% (UNESCO, 2020).

186

Relativamente isolado no cenário internacional, uma das formas que o governo talibã encontrou para angariar recursos financeiros foi abrigar em território afegão organizações fundamentalistas islâmicas como a Al-Qaeda, liderada por Osama Bin Laden, que promoveu, entre outros atentados, o ataque às Torres Gêmeas do World Trade Center, localizado em Nova York, em 11 de setembro de 2001. Em retaliação ao atentado, no mês de outubro do mesmo ano, o exército dos Estados Unidos invadiu o Afeganistão, com objetivo de retirar o Talibã do poder e

desmantelar a Al-Qaeda. No entanto, seu líder, Osama Bin Laden, seria capturado e morto apenas uma década depois.

Após quase vinte anos de ocupação, em 12 de agosto de 2021, os Estados Unidos se retiraram do Afeganistão. Simultaneamente, os talibãs avançavam sobre o território afegão, tomando a capital Cabul em 15 de agosto (dissolvendo o governo pró-Estados Unidos e, conseqüentemente, reassumindo o controle do país).

Conforme explicou o professor, o sentimento anti-imperialista presente na cultura afegã (discutido anteriormente), pode estar por trás do relativo apoio popular ao Talibã (a despeito das ações cruéis do grupo), especialmente na zona rural, onde as pessoas tendem a ser mais conservadoras e hostis a estrangeiros.

Sobre as dificuldades de Washington em estabilizar politicamente o Afeganistão, durante as duas décadas em que ocupou o país, Brito (2021, s/p) argumenta:

É controverso pensar em modificar um regime político “de fora para dentro”. A sociedade local deve ser a principal base da construção de um governo. É possível criar instituições e promover eleições, conforme os Estados Unidos fizeram. Porém, se essas mudanças não representam os anseios e demandas das pessoas, elas não se sentem representadas, as mudanças são inócuas.

187

O professor de Geografia ressaltou que, até aquele momento, havia apresentado aspectos históricos e geográficos fundamentais para se analisar a (complexa) geopolítica do Afeganistão. Porém, ele advertiu que a maioria das pessoas não percebe essa questão a partir de fatores geográficos e históricos, mas por meio das narrativas dos noticiários internacionais.

Portanto, o próximo tópico abordado na aula foi a análise de conteúdo das produções midiáticas, principalmente reconhecer a quais interesses ideológicos os noticiários atendem e como a imprensa, de maneira geral, representa os atores envolvidos na geopolítica do Afeganistão.

## AFEGANISTÃO NA MÍDIA

Antes de iniciar o último momento da aula – “Afeganistão na mídia” –, o professor de Geografia propôs alguns questionamentos aos alunos.

Quando vocês ouvem falar sobre o islamismo, de maneira geral, e sobre o Afeganistão, em especial, o que vocês pensam? Quais palavras, imagens ou sentimentos vem à mente de vocês? De onde vem essas impressões que vocês têm? (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

A princípio, os alunos se mostraram reticentes em responder a estes questionamentos. Somente a partir do momento que o professor afirmou que “não haveria resposta certa ou errada”, eles elencaram suas impressões sobre o Afeganistão e a religião islâmica, conforme descrito a seguir:

O que vem em minha mente é: conflitos, guerras, desgraças, tristeza, etc. (ALUNO DO 9º ANO).

Dor e sofrimentos dos moradores (ALUNA DO 9º ANO).

188

Quando ouço ou vejo essas palavras, imagino pessoas sofridas que sofrem muitas coisas por conta da religião do país (ALUNA DO 9º ANO).

Quando escuto/leio a palavra islamismo, idealizo uma imagem de opressão e terrorismo. Já a palavra “Afeganistão” imagino um lugar em que está sendo oprimido e em quase “guerra” (ALUNO DO 9º ANO).

Sinceramente eu sinto horror só em pensar que existem mulheres que passam por toda essa tragédia que acontecia e ainda está acontecendo, só posso dizer que é um machismo extremo, que eu nunca aguentaria viver em uma realidade assim e sinto muito por todas as mulheres (ALUNA DO 9º ANO).

Meus primeiros pensamentos sobre Islamismo são a respeito das vestes usadas pelas mulheres e também os conflitos que muitas vezes são iniciados por essa questão religiosa. Sobre Afeganistão, penso sobre as guerras que sempre acontecem e que neste momento está ainda pior (ALUNA DO 9º ANO).

Percebe-se, claramente, o predomínio de visões negativas. A partir dessas respostas, o professor propôs aos alunos que refletissem sobre o porquê de eles apresentarem tais impressões sobre o islamismo, de modo geral, e o Afeganistão, em particular.

De acordo com o docente, como os alunos, as alunas e ele próprio nunca estiveram pessoalmente em nações muçulmanas e não acompanham os relatos dos fatos que lá ocorrem por meio de falas dos próprios moradores. É muito provável que seus imaginários sociais sobre a civilização islâmica tenham como base as narrativas presentes na grande mídia.

Além disso, o docente também reconheceu que a situação das mulheres em regimes fundamentalistas como o talibã é uma questão complexa e deve ser devidamente repudiada. Porém, é importante não generalizarmos nossos posicionamentos sobre esta questão:

O islamismo não prega a intolerância. A leitura rígida do Alcorão, sim, gera intolerância. Há uma intolerância rígida de gênero, mas em outros países muçulmanos, além do Afeganistão, há respeito às mulheres. Já as vestimentas das mulheres, se trata de um hábito cultural, que devemos respeitar. Aqui no Ocidente, quando se impõe padrões de beleza às mulheres, será que isso também não é forma de subjugar e dominar as mulheres? (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

189

O professor advertiu que a mídia, corriqueiramente, esgota um acontecimento geopolítico em sua imediatidade, reduzindo-o ao “aqui e agora”; ou seja, como se este acontecimento “fosse por acaso”, como se não tivesse causas, conexões e historicidade.

Cada acontecimento mediático é martelado durante um ou mais dias seguidos, com uma forte intensidade para impregnar os espíritos, desaparece abruptamente para dar lugar a outro que desaparece por sua vez: não há acompanhamento. O objectivo não é fazer as pessoas

compreenderem o que se passa, mas “impressionar” a mente para fabricar a opinião desejada pelos poderes (CHARVIN, 2019, s/p).

Não por acaso, as coberturas midiáticas sobre a volta do Talibã ao poder no Afeganistão foram pautadas mais nas fortes imagens de afegãos que tentavam desesperadamente fugir do país do que propriamente na preocupação de se realizarem análises aprofundadas sobre a complexidade que envolve a política afegã. Tratou-se, assim, de uma opção editorial que teve por objetivo prender a atenção do público, despertando diferentes tipos de emoções, porém não estimulando o pensamento crítico. Em outros termos, privilegiou-se a forma em detrimento do conteúdo.

Para corroborar o argumento de que a mídia é um importante elemento para a percepção do público sobre temáticas geopolíticas, o professor mostrou aos alunos um procedimento feito a partir do *Google Trends* – ferramenta virtual que apresenta os termos mais pesquisados por brasileiros no Google desde 2004.

Para medir o “interesse de pesquisa” por um determinado termo, o *Google Trends* utiliza uma escala de 0 a 100%. Um valor de 100% é o “pico de popularidade” de um termo. Um valor de 50% significa que o termo teve metade da maior popularidade alcançada. Da mesma forma, uma pontuação de 0 significa que o termo teve menos de 1% da popularidade que o “pico”.

Ao realizar uma pesquisa sobre o termo “Talibã”, constatou-se que seu “pico de popularidade” coincidiu com o mês de agosto de 2021, mais precisamente na semana entre os dias 15 e 21, quando o grupo foi o principal assunto abordado nos noticiários internacionais da grande mídia brasileira.

**Figura 3** – Imagem apresentada pelo professor de Geografia sobre os índices de pesquisas no Google sobre o termo “Talibã”, entre setembro/2020 e setembro/2021



Fonte: Google Trends (2021).

Percebe-se que, até a retirada das tropas estadunidenses do Afeganistão (agosto de 2021), havia um baixo índice de pesquisas no Google sobre a palavra “Talibã” por parte do público brasileiro, o que demonstra pouco interesse sobre esta temática quando ela não está presente nos noticiários da grande mídia.

Tal constatação não nos permite inferir se as pessoas aderiram aos discursos dos noticiários internacionais, mas demonstram que a “mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, condiciona, em grande medida, as questões geopolíticas sobre as quais o público vai discutir” (LADEIRA; LEÃO, 2018, p. 271).

Por meio do exercício analítico com o *Google Trends*, professor de Geografia, alunos e alunas puderam concluir que, como os internautas em geral não demonstravam interesse em obter informações a respeito do Talibã até o mês de agosto de 2021 (ou sequer ouviram falar sobre); a maioria das postagens e comentários sobre este grupo, registradas após o mesmo ser destaque nos noticiários internacionais, foram realizadas por pessoas que pouco conheciam a geopolítica afegã ou, no máximo, tiveram informações sobre esta questão por meio das superficiais coberturas midiáticas.

Na era digital, a opinião predomina sobre a ação. Passamos a viver no reino das opiniões: todos têm alguma opinião formada sobre tudo e se sentem na obrigação de opinar sobre qualquer coisa. Esse fenômeno é consequência direta da hiperconectividade. [...] Com isso, tudo se tornou opinião e se confunde com ela, numa arena em que não existem hierarquias. A análise política de um especialista equivale à opinião de qualquer pessoa que nunca abriu um livro sobre política. Trata-se de uma perversão do direito à liberdade de expressão: muito embora cada um tenha o direito de opinar sobre o que quiser, e uma opinião não se sobreponha à outra, nem tudo é da ordem da opinião. Análises, pesquisas e evidências são de outra esfera. Não se questiona o resultado de uma pesquisa científica dizendo simplesmente que não se concorda com ela, mas analisando sua metodologia ou apresentando uma pesquisa sobre o mesmo tema que possa colocar em xeque as conclusões. Na era do Facebook, entretanto, é como se isso não fosse necessário, pois basta concordar ou discordar (LAGO, 2019, s/p).

192

Portanto, conforme o professor,

[...] é importante irmos além das interpretações e simplificações da mídia, que buscam respostas simples para os diferentes focos de tensão da atualidade. Não por acaso, [em relação à política afegã] estas simplificações puderam ser observadas claramente nos comentários das redes sociais (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

Ladeira e Leão (2018) definem estas simplificações midiáticas presentes nos noticiários geopolíticos como “atalhos cognitivos”, isto é, recursos discursivos

utilizados para facilitar a compreensão do público (em geral, não familiarizado com as temáticas geopolíticas) e tornar inteligível a complexa configuração das relações internacionais, a partir de estereótipos, tipificações, maniqueísmos, personificações, lugares-comuns e generalizações, “com o objetivo de oferecer aos leitores/telespectadores alguma sensação de ordem em relação a um mundo, de fato, complexo em demasia” (ARBEX JUNIOR, 2001, p. 212).

Contudo, os atalhos cognitivos não são aplicados com meros objetivos linguísticos; possuem, sobretudo, intenções ideológicas. Procuram influenciar as pessoas a compactuarem com as ações políticas das grandes potências imperialistas, notadamente os Estados Unidos. De acordo com Losurdo (2001), uma das principais estratégias do governo estadunidense para consolidar e ampliar sua hegemonia global é sustentar uma ampla rede de propaganda ideológica por meio de uma bem articulada campanha de manipulação midiática.

Nessa lógica de dominação cultural, a grande imprensa do país tem importância vital para promover a divulgação dos valores estadunidenses como modelos de civilização e apresentar os Estados Unidos como paladinos da “liberdade”, da “democracia”, dos “direitos humanos”, da “igualdade social, econômica, religiosa e étnica”.

Em contrapartida, o governo de Washington utiliza categorias como “terrorismo”, “fundamentalismo”, “ódio ao Ocidente” e “antiamericanismo” como “armas de guerra” não somente contra seus inimigos, mas também para rotular os indivíduos que não coadunam com o seu discurso.

Pouco tempo depois do colapso da URSS, o governo dos EUA aproveitou a vantagem para rotular todos os governos, que não concordavam com a dominação liderada pelos EUA, como “estados vilões”. Esta teoria deu aos EUA a capacidade de apropriar-se de todo o discurso do liberalismo e dos direitos humanos – o Ocidente é, *ipso facto*, o árbitro dos direitos humanos e do liberalismo, e aqueles que consideram violadores desses princípios amplos são considerados

Estados vilões e terroristas. [...] O sequestro da narrativa de direitos humanos e liberalismo pelos EUA foi um triunfo tão significativo quando sua superioridade militar esmagadora (PRASHAD, 2020, p. 129).

Diante dessa lógica, a grande imprensa brasileira reverbera, sem nenhum tipo de análise crítica ou filtro, os conteúdos e discursos geopolíticos distribuídos pelos seus congêneres estadunidenses, seja através do âmbito opinativo (editoriais, articulistas e comentaristas) na maneira como recorta os fatos, ou “mediante traduções publicadas em periódicos estrangeiros bem-conceituados nos países hegemônicos” (STEINBERGER, 2005, p. 191), funcionando assim como uma espécie de correia de transmissão da ideologia dos Estados Unidos e aliados.

Vimos que a geopolítica afegã é bastante complexa. Mas, na imprensa, os antagonismos entre Ocidente e mundo muçulmano (o que inclui o Afeganistão) foram reduzidos a uma batalha entre o “bem” contra o “mal”. Uma espécie de filme, com mocinhos e vilões. É fato que o Talibã promoveu políticas condenáveis, oprimindo as mulheres, etc. Mas isso não significa que os Estados Unidos tenham feito algo realmente positivo para o Afeganistão. Inclusive, há relatos que os soldados dos Estados Unidos tenham cometido violência contra as mulheres, torturas e assassinatos. Raramente vemos isso na TV, pois os principais grupos de comunicação estão comprometidos com a política externa dos Estados Unidos. A mídia é uma poderosa “arma de guerra” (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

194

Esta fala docente nos remete à ideia de *manufacturing consent* (consenso fabricado) presente na obra de Chomsky e Herman (1994). De acordo com os autores, a atuação dos meios de comunicação de massa pode ser entendida a partir de um modelo retirado da propaganda, isto é, as atividades desenvolvidas pela mídia em geral estão a serviço da mobilização de apoio a interesses especiais que dominam o Estado e a atividade privada, construindo “fatos” e “verdades”.

Nesse sentido, pode-se compreender as atuais questões geopolíticas a partir do tripé governo/academia/mídia, em que os principais líderes globais lançam

determinadas agendas (“guerra ao terror”), alguns pensadores as corroboram intelectualmente (“choque de civilizações”) e a mídia tem por função legitimar e tornar compreensível os discursos políticos e acadêmicos frente à população (“consenso fabricado”).

Sobre a narrativa midiática construída para legitimar a invasão dos Estados Unidos ao Afeganistão, como retaliação ao atentado de 11 de setembro, Brotas (2005, p. 4) escreveu:

Os Atentados de 11 de Setembro, estampados nas primeiras páginas de veículos mais importantes do mundo, criaram o clima de revanche que se disseminou nos Estados Unidos e encontrou rapidamente eco na mídia. O sentimento de orgulho ferido foi amplamente propagado pelos meios. A tensão e ânsia em punir os culpados e todos suspeitos, leva o país e a mídia à Guerra do Afeganistão, apontando, de forma mais extremada, a posição do jornalismo internacional contra os bárbaros das montanhas afegãs, contra os loucos de turbantes. Para a maioria dos analistas, o jornalismo internacional seguiu o mesmo padrão patriótico exacerbado no 11 de Setembro, enquadrando a guerra como uma reação legítima dos americanos contra o Talibã, visto como um grupo de fanáticos islâmicos que personificavam o mal. É o choque de civilizações. O choque cultural entre o mundo desenvolvido, humanístico e democrático contra os atrasados, violentos, sanguinários e fanáticos. Esta condição silenciou os meios de comunicação, implantou a autocensura e promoveu no jornalismo mais que um olhar cultural, mas uma adesão a um projeto político que soube utilizar dessas imagens, personificar o inimigo para fazer valer seus propósitos.

195

Se a mídia, principal fonte de informações sobre a política internacional, concebe as relações geopolíticas a partir de lógicas maniqueístas, boa parte das pessoas tende a se posicionar dessa forma frente à situação atual do Afeganistão.

O professor destacou que, nas redes sociais, em muitas ocasiões, as opiniões sobre a retirada das tropas estadunidenses do Afeganistão e o posterior retorno do Talibã ao poder, não foram apresentadas a partir de argumentos plausíveis ou bases verídicas, mas refletiram lógicas semelhantes a torcidas de futebol: com “os

torcedores dos Estados Unidos”, “os torcedores do Talibã” e “os torcedores de Donald Trump” (que “acusavam” o atual mandatário dos Estados Unidos, Joe Biden, pelo caos no Afeganistão, sem, no entanto, citarem que o ex-presidente Trump já havia assinado um acordo para retirada das tropas estadunidenses do país centro-asiático).

Após a fala do docente, um estudante acrescentou: “Eu vi no Facebook: uns colocavam a culpa no Biden [sobre a retirada das tropas estadunidenses do Afeganistão], outros colocavam a culpa no Trump, outros no Obama” (ALUNO DO 9º ANO).

Em sequência, uma aluna pediu a palavra e relatou que viu no Facebook uma mensagem pedindo às pessoas que orassem pelos cristãos do Afeganistão, pois eles estavam sendo mortos pelo Talibã:

Quando vi a mensagem para “orarem pelos cristãos no Afeganistão” [...] pensei que era fake news, estava muito estranha! Pesquisei. Depois vi que era mesmo falsa [...] Nossa, é tanta coisa que a gente vê por aí, difícil confiar. É bom *a gente* conferir mesmo, né (ALUNA DO 9º ANO).

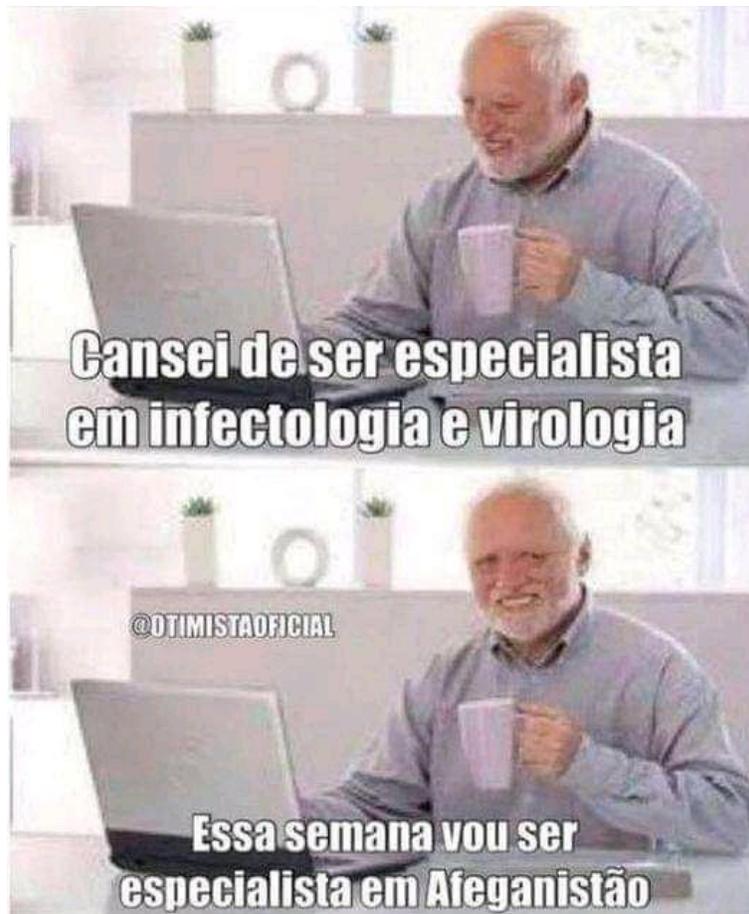
196

Para exemplificar como, nas redes sociais, usuários emitem posicionamentos sem, necessariamente, possuírem argumentos plausíveis para tal, o docente exibiu um *meme* que ironizava as posturas dos indivíduos considerados “especialistas” nos mais diversos assuntos que estão em pauta na agenda pública nacional (como os debates sobre a eficácia das vacinas contra a Covid-19 e a geopolítica afegã)<sup>5</sup>.

#### Figura 4 – *Meme* "Cansei de ser especialista"

---

<sup>5</sup> O termo “meme” é utilizado para descrever determinadas imagens, vídeos e GIFs humorísticos presentes na internet. A expressão remete ao conceito de “memes”, cunhado por Dawkins (2007) para definir as informações culturais transmitidas entre as diferentes gerações.



Fonte: Facebook (2021)

197

Pelas reações positivas, percebemos que a exibição do *meme* gerou um clima agradável na sala de aula virtual. Uma aluna afirmou: “minha irmã compartilhou esse *meme* no Face, achei muito legal!”.<sup>6</sup> Outra estudante acrescentou: “vi essa foto no Instagram de um amigo que gosta de Geografia”. “Eu tinha visto esse *meme*, mas não tinha entendido nada”, frisou um discente.

Trazer para a sala de aula linguagens às quais crianças e jovens contemporâneos estão acostumados em seus cotidianos é importante, pois, além de despertar o interesse dos discentes, os estimula a adotar posturas reflexivas sobre a realidade, mesmo em seus momentos de entretenimento; como, por exemplo, ser

---

<sup>6</sup> “Face” é a forma como os adolescentes se referem ao Facebook.

capaz de compreender a mensagem crítica que está por trás de um *meme*, que, aparentemente, possui apenas um viés cômico.

Minutos antes do término da aula, um aluno perguntou ao professor se ele considerava que a população afegã poderia se opor a uma possível influência chinesa sobre o país, assim como fizeram em relação a britânicos, soviéticos e estudantes. De acordo com o docente, trata-se de uma questão complexa, pois a influência chinesa no Afeganistão, caso se concretizasse, provavelmente não seria marcada por uma invasão militar direta ou por imposição de determinados costumes. Portanto, poderia não mobilizar “o sentimento ‘anti-imperialista’, que une os Afegãos contra os invasores externos. Mas, só o tempo dirá” (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

Encerrado o horário, o professor agradeceu a atenção e o interesse de todos. Para ele, seria importante que os alunos saíssem daquela aula “com mais perguntas do que propriamente com respostas” para a complexa geopolítica afegã. “Espero que vocês desejem se aprofundar mais no assunto e tenham interesse em buscar variadas fontes de informações sobre o que está acontecendo no Afeganistão, em particular; e no mundo, como um todo” (*idem*).

198

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica relatada neste artigo demonstra a importância de os professores levarem para o ambiente escolar questões debatidas em outros espaços públicos. Além do mais, se temáticas contemporâneas, como os conflitos no Afeganistão, não forem debatidas em sala de aula, os alunos buscarão informações por outros meios, que muitas vezes são de qualidade duvidosa ou não condizem com a realidade.

Em determinados momentos da aula, percebemos certa discrepância entre o vocabulário do professor (uso de alguns termos como “imediatidade”, “subjugar” ou

“focos de tensão”) e as características cognitivas do corpo discente (estudantes do 9º ano do ensino médio, com 14 anos de idade), o que pode ter dificultado a compreensão de alguns pontos do conteúdo abordado.

No entanto, de maneira geral, a aula sobre a geopolítica do Afeganistão foi uma experiência didática bem-sucedida, capaz de despertar o interesse dos alunos e incentivá-los a ter uma visão crítica sobre os diferentes conteúdos midiáticos com os quais se defrontam cotidianamente (tanto nas redes sociais, quanto na grande imprensa).

Também foi possível perceber que o professor, a todo momento, estimulava os alunos a não se portarem passivamente diante do conteúdo apresentado na aula; distanciando-se, assim, daquilo que Paulo Freire (1974) denominava como “educação bancária”, em que o professor vê o aluno como um “banco”, no qual “deposita” o conhecimento.

Nesse sentido, Martínéz (2011) afirma que é preciso criar em sala de aula um clima social participativo, incentivar os alunos a expressarem suas opiniões, desafiá-los a pensar e a refletirem sobre os conhecimentos com os quais estão em contato; tornando-os, de fato, protagonistas em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, “a aula que funciona criativamente constitui um espaço de criação, precisamente pela articulação de professores e alunos em sistemas de relações que facilitam a expressão criativa de ambos na sua ação cotidiana: ensino e aprender” (MARTINÉZ, 2011, p. 134). Um truísmo – bastante difundido, porém de autoria incerta – diz ser a mídia “o primeiro rascunho da história”. Este, como geralmente ocorre com os lugares-comuns, é só parcialmente correto. Em relação aos noticiários internacionais, é enganador. A mídia corporativa brasileira não é capaz de escrever o rascunho da história, porque faz parte da própria história. Ela

simplesmente reproduz a ideologia de seus congêneres estadunidenses e europeus, a partir de narrativas que possuem graus variados de relação com a realidade, “mas que quase sempre são histórias enquadradas pelo que se adapta aos interesses ocidentais, e não pelos fatos concretos” (PRASHAD, 2020, p. 164).

No tocante aos editoriais/matérias/reportagens/artigos de opinião que abordam o mundo muçulmano, frequentemente esta civilização é descrita como “inimiga” do Ocidente, quase sinônimo de “terrorismo”, “irracionalidade”, “fundamentalismo religioso” e “opressão às mulheres”. Segundo tais abordagens, o islã seria dotado basicamente de características negativas, em contraste às “qualidades” que definiriam o “mundo ocidental” – razão, tolerância, liberdade, igualdade e modernidade (PINTO, 2010).

Este tipo de linha jornalística contribui de maneira decisiva para legitimar as intervenções estadunidenses no Oriente Médio, Ásia Central e Norte da África frente à chamada opinião pública.

Desse modo, é importante desconstruir em sala de aula os possíveis mecanismos de manipulação dos discursos geopolíticos da imprensa brasileira; denunciando suas distorções sobre a realidade, em benefício dos interesses das grandes potências globais. Em contrapartida, tão controverso quanto aderir acriticamente aos maniqueísmos dos atalhos cognitivos dos discursos midiáticos é apoiar grupos extremistas como Talibã, somente pelo fato de serem antagonistas às grandes potências imperialistas no cenário geopolítico global. Este foi o caso do Partido da Causa Operária (PCO), que noticiou em sua imprensa: “a vitória do Talibã contra o imperialismo é a vitória de todo povo oprimido” (DIÁRIO CAUSA OPERÁRIA, 2021). Trata-se de uma inversão analítica do maniqueísmo propagandeado por Washington.

200

Se, no caso da geopolítica do Oriente Médio, os EUA são o “mal”; isso não significa, automaticamente, que o Talibã seja o “bem”.

Conceber o Talibã como “resistência de um povo oprimido ao imperialismo” – além de uma leitura geopolítica pueril, simplória e equivocada – não leva em conta que o grupo oprime sua própria população, sobretudo as mulheres. Além do mais, o Talibã ainda contribui para aumentar o imaginário ocidental islamofóbico. Suas ações são utilizadas para justificar o falacioso discurso que considera o islã como uma religião inerentemente violenta.

Em suma, geopolítica é uma temática muito complexa para se resumir a postagens superficiais em redes sociais, a dicotomias hollywoodianas ou ser analisada como uma partida futebolística, em que você tem que “torcer” por um dos lados em disputa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BELFORT, Pedro. Entenda a Crise no Afeganistão – (Parte I) O Cemitério de Grandes Impérios, **Conexão Contratempo**, 20 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5BexBqp4J9I>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BRITO, Thaís. 5 fatos para entender a guerra do Afeganistão, **Politize**, 20 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mSMuEoka6wM>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BROTAS, Antônio. Guerra e Terrorismo: os diferentes discursos e enquadramentos da mídia, **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj** –, p 1-12, 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/168517161353692676233426380793030782893.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CHARVIN, Robert. A desinformação dos media dominantes acerca da vida internacional: mentiras, manipulações, silêncios, **Resistir.info**, 2019. Disponível em:

<[https://resistir.info/varios/desinformacao\\_dos\\_media.html](https://resistir.info/varios/desinformacao_dos_media.html)>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. **Manufacturing Consent**. New York: Vintage Books, 1994.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DIÁRIO CAUSA OPERÁRIA. **Afeganistão: vitória do povo contra o imperialismo**, Editorial, São Paulo, 17 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.causaoperaria.org.br/rede/dco/opiniao/editoriais/afeganistao-vitoria-do-povo-contra-o-imperialismo/>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

DRIVER, Felix, "Imaginative Geographies". In: CLOKE, Paul J.; CRANG, Phil; GOODWIN, Mark (orgs.). **Introducing Human Geographies**. London: Arnold, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Ingrid. Olhares sobre o outro: Estudo das representações do Islã nos jornais Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação/UMESP, São Bernardo do Campo, 2012.

GOOGLE TRENDS. **Talibã**, 2021. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?q=%2Fm%2F07jqh&geo=BR>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

202

HOLT, Frank. **Into the land of bones: Alexander the Great in Afghanistan**. California: University of California Press, 2005.

LACOSTE, Yves. **A geografia** – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra. Campinas: Papyrus, 1988.

LADEIRA, Francisco Fernandes; LEÃO, Vicente de Paula. **A influência dos discursos geopolíticos da mídia no ensino de Geografia: práticas pedagógicas e imaginários discentes**. Curitiba: CRV, 2018.

LAGO, Miguel. Procura-se um presidente, **Piauí**, edição 152, maio de 2019. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/procura-se-um-presidente/>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

LOSURDO, Domenico. **A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARTINÉZ, Albertina Mitjáns. A criatividade como princípio funcional da aula: limites e possibilidades. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (org.). **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas, SP: Papirus, p. 115-143, 2008.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **Islã, religião e civilização: uma abordagem antropológica**. Aparecida: Editora Santuário, 2010.

PRASHAD, Vijay. **Balas de Washington: uma história da CIA, golpes e assassinatos**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

QUERIDO, Giovanna. A mídia, o Islã e nós, **Jornalismo Junior**, ECA-USP, São Paulo, 10 de maio de 2016. Disponível em: < <http://jornalismojunior.com.br/a-midia-o-islã-e-nos/>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

STEINBERGER, Margareth Born. **Discursos geopolíticos da mídia – jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. São Paulo: FAPESP, EDUC, CORTEZ, 2005.

TANNER, Stephen. **Afghanistan: A Military History from Alexander the Great to the War against the Taliban**. Hachette Books, 2009.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAUMANN, Andrew; KAMINSKI, Marina P. O Waterloo da Guerra Fria: antecedentes da invasão soviética ao Afeganistão, **Revista de Análise Internacional**, Curitiba, vol.1, n.1, p.3-12, ago./dez. 2016. Disponível em: < <http://www.humanas.ufpr.br/portal/nepri/files/2016/12/1-Andrew.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

203

UNESCO. **Global Education Monitoring Report – Gender Report: A new generation: 25 years of efforts for gender equality in education**. Paris, UNESCO, 2020. Disponível em: < <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374514/PDF/374514eng.pdf.multi>>. Acesso em: 2 set. 2021.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-386, set./out. 2007. Disponível em: <[http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007\\_05/a2007\\_v20\\_n05\\_art10.pdf](http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Submetido em: 11 de novembro de 2021.

Aprovado em: 12 de janeiro de 2023.

Publicado em: 17 de março de 2023.